



POR MIGUEL CARDOSO PEREIRA

Luis Sepúlveda, de 66 anos, é um dos mais destacados escritores mundiais e falou à A BOLA sobre um futebol que, para ele, não é... futebol.

**O** chileno Luis Sepúlveda, 66 anos, um dos mais destacados e premiados escritores mundiais, conversou com A BOLA sobre as políticas comunistas que defende como a vida; sobre o Portugal que defendeu recentemente do ministro alemão Wolfgang Schäuble; e também sobre o futebol que jamais defenderá. Um futebol que, para ele, não é futebol.

— Há uma crônica sua chamada *Como me hice escritor por default* na qual conta que, em 1962, quando tinha 13 anos, ofereceu uma fotografia da seleção chilena que terminara o Mundial desse ano em terceiro a uma rapariga de quem gostava, chamada Glória. Era uma imagem autografada pelos jogadores, contudo ela detestou-a e respondeu-lhe que preferia poesia, levando-o a si a deixar o sonho de ser jogador e a tornar-se escritor. Alguma vez lhe agradeceu?

— Não sei se agradeceu. Em todo o caso, foi ela a incentivar a minha aproximação à escrita, ainda só como leitor, e isso agradecer-lhe-ei sempre.

— Que fez a essa foto devolvida da seleção chilena? Ainda a tem ou deu-a a outra rapariga?

— Conservei-a durante muitos anos, no entanto ao longo da vida perdia muitas coisas, imagens, cartas, livros, outros objetos. Deve estar nalgum lugar, não sei onde. Sabe, não tenho especial apego às coisas. Tenho noção de que em qualquer lugar do Mundo estarei sempre de passagem e o melhor é ter pouca carga.

— Qual é o seu clube chileno preferido?

— O Magallanes, o clube mais antigo e o único que não tem adeptos violentos. Nenhum *hooligan* cretino é do Magallanes.

— É um escritor de topo mundial, uma referência. Por que razão escolheu Gijón, nas Astúrias, Espanha, para viver, e não uma grande capital mundial?

— Não gosto de cidades grandes. Vivi em Hamburgo, na Alemanha, onde me sentia bem, porque é cidade portuária e na qual se respira uma multiculturalidade. Depois em Paris, França, três anos, mas cansei-me de uma cidade tão

neurótica. Gijón é pequena. Vivo longe do centro mas perto do mar. Não participo no *show* da cultura, não vou a *cocktails* nem a inaugurações.

— Quando foi a última vez que visitou Portugal?

— Visito constantemente. Tenho muitos amigos no Porto e em Lisboa e noutras cidades e vou muitas vezes visitá-los. Várias vezes por ano. Normalmente, como escritor vou uma vez por ano também, mas prefiro ir como cidadão. Gosto muito de Portugal.

— Sabia que uma praça importante em Lisboa se chama Praça do

Chile? Tem ao centro uma estátua, oferecida a Portugal pelo governo chileno, de Fernão de Magalhães, o navegador português que circum-

“**O meu clube é o Magallanes, o único que não tem adeptos violentos. Nenhum ‘hooligan’ cretino é do Magallanes**”

navegou o Globo e o primeiro europeu a passar pelo Estreito de Magalhães, que nomeou, em território chileno. Há uma estátua igual em Punta Arenas, no Chile. É um episódio histórico que une os nossos países e que, de resto, está descrito nos *Lusiadas*.

— Sim, sabia. Conheço as duas estátuas. A de Punta Arenas é muito impressionante, precisamente porque está virada para o Estreito. Chilenos e portugueses são parecidos em muitas coisas: somos discretos, falamos sem gritar, gostamos de desfrutar a vida sem grandes ostentações.

— A propósito do futebol portu-

guês, já notou como, ao contrário do que acontece com qualquer outra atividade económica, Portugal tem consistentemente alguns dos melhores jogadores e treinadores do Mundo, como agora Cristiano Ronaldo e José Mourinho? Vê isto como algo positivo ou, talvez, como um elemento de distração, uma forma de perpetuar uma triste frase da ditadura em Portugal que dizia ‘Portugal é o país de 3 efes: fado futebol e Fátima’?

— Olhe, os argentinos dizem que têm os melhores jogadores e treinadores do Mundo. Os neozelandeses também. Os chineses também o dizem. O futebol é um negócio e eu não participo na política do pão e



**LUIS S**

«E

O

n

e 2016  
LA

JOSÉ COELHO/LUSA

# SEPÚLVEDA

## nojam-me s orgulhos patrióticos o futebol»

O horror às estrelas • As ideias poéticas do escritor da política ao desporto

circos, como diziam os romanos. O gosto do futebol como desporto e sou um espectador de futebol amador. Detesto o espetáculo dos jogadores que ganham milhões e são evasores fiscais.

— Ao longo dos anos, passaram por Portugal alguns jogadores chilenos — Escalona, Uribe, Contreras, Pinilla, Tello, Matías Fernandez — mas nenhum chileno deixou marca tão grande como o treinador Fernando Riera, que chegou a Portugal para treinar o Belenenses mas iria destacar-se no Benfica de Eusébio, que levou a uma final da Taça dos Campeões Europeus em 1962/63. Riera ainda treinou, depois

FC Porto e Sporting. Conheceu-o?

— Não, nunca o conheci.

— Em 2015, o Chile ganhou pela primeira vez a Copa América. Como festejou?

— Não festejei. Deram-me asco as expressões de fanatismo, os excessos de patriotismo, a estupidez desenfreada por um triunfo desportivo.

— Há semanas, foi notícia em Portugal quando recomendou ao ministro das Finanças da Alemanha, Wolfgang Schäuble, para deixar Portugal em paz depois de este ter dito que Portugal estava a «perturbar os mercados». Portugal tem

**soluções para recuperar economicamente dentro de um regime de austeridade?**

— Os portugueses têm pagado um preço alto por crise da qual não foram culpados. Não acredito em políticas de austeridade, seguramente não dentro do que entendem Schäuble e Bruxelas. Não acredito em austeridades que façam dos ricos mais ricos e dos pobres mais pobres.

— A esquerda portuguesa formou uma conjuntura inédita em Portugal: um governo do Partido Socialista com o apoio parlamentar do Partido Comunista, do Bloco de Esquerda, dos Verdes e do Pessoas, Animais e Natureza. Foi uma mudança criticada pela direita, uma vez que o partido mais votado nas últimas eleições, o Partido Social Democrata, não entrou no Governo. Acompanhou o processo?

— Com todo o interesse. Essa confluência de partidos já deveria ter acontecido antes e teria evitado sacrifícios feitos pelo povo que só serviram para enriquecer os mais ricos, os banqueiros e os especuladores. Mas é preciso reinventar a democracia e contribuir para que deixe de ser apenas ir votar de quatro em quatro anos. O poder precisa de um controlo constante dos cidadãos. A revolução dos cravos não foi um acontecimento casual em Portugal. Por sorte, sempre existiu na sociedade portuguesa culta e progressista gente que sabia que o tempo do colonialismo passara e que a manutenção dos sonhos imperiais só significaria sangria de gastos. Essa consciência estava, está lá.

— São conhecidas as suas ligações a movimentos comunistas desde a adolescência — «sou vermelho, profundamente vermelho», é célebre frase sua. Foi preso no Chile depois do golpe de Pinochet e com o início da ditadura militar. As crises do capitalismo, a especulação, a sensibilidade das ligações económicas entre os países estarão a motivar a reformulação dos conceitos políticos? Esquerda e direita querem, hoje, dizer o mesmo do que quando o Luis Sepúlveda era jovem ou são termos que vão perdendo importância para a maioria das pessoas?

— Fiz-me comunista aos 13 anos e, como disse Saramago: ser comunista é uma atitude. Sempre fui

um homem de esquerda. Cada um deve interpretar como quiser os conceitos de direita e esquerda. O que sei é que há muitas coisas que não mudaram: a exploração do homem pelo homem continua, sob novas formas, sim, mas sem alterar o fundamental, o abandono dos mais vulneráveis.

— Mencionou Saramago; Portugal e Espanha deveriam ser o mesmo país, como o próprio Nobel português sugeria na *Jangada de Pedra*? Ou até como sugeriu o espanhol Pérez-Reverte, há uns anos em Lisboa, dizendo que a Ibéria deveria ser unida e que, curiosamente, a capital devia ser Lisboa e não Madrid... Apesar do delírio, literário, da ideia, seria essa aproximação uma alternativa aos poderes concentrados da União Europeia que, afinal, junta povos do Norte da Europa com povos do Sul, do Centro, do Leste, gentes de costumes, ritmos, horários, hábitos, temperaturas, tanta coisa, diferentes?

— É uma ideia poética, mas impossível de concretizar. Mas, repare, não cabe aos países, às bandeiras, unirem-se contra os abusos que sintam do capitalismo, são os homens e as mulheres que trabalham e criam riqueza que devem lutar contra sistemas inumanos.

— Mas como pode funcionar bem um mundo tão inevitavelmente globalizado quando o preço de um barril de petróleo, a ruína de uma companhia de seguros ou uma guerra qualquer no outro lado do Globo pode alterar toda a nossa rotina, o que comemos, bebemos e o preço que pagamos para ter uma casa? Quando saiu do Chile, em 1977, andou por Argentina, Uruguai, Brasil, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Nicarágua... Diria que, essencialmente, os mercados, como se diz, deveriam funcionar tendo por base hábitos culturais e proximidades históricas? Como disse Fernando Pessoa, «A minha pátria é a língua portuguesa»; ou como disse Che Guevara, «A minha pátria é a América».

— Quando falamos dos mercados estamos a falar do um por cento da humanidade que é dona de 99

“**Fernando Riera? Não, nunca o conheci. O Chile vencedor da Copa América em 2015? Não festejei. São excessos de fanatismo**”

por cento da riqueza. O único interesse e a única razão da existência dos mercados é o lucro. Não se pode esperar nenhuma consideração ou nenhuma afinidade por parte dos mercados. O grande trunfo do capitalismo e da economia neoliberal de mercado foi ter conseguido obrigar as nações a renunciar a questões de soberania que são elementares. Se virmos Portugal, veremos um país que, num ponto de vista da produção de alimentos e considerando a sua população, poderia ser autossuficiente; mas essa renúncia de soberania significou o abandono de grande parte do potencial agrícola e industrial a troco de receber fundos para infraestruturas e autoestradas. A corrupção nas classes políticas tem a ver com esta debilidade da soberania dos estados.

— Lida bem com a modernidade ao nível da comunicação, com a Internet, com livros e jornais que não são de papel, com a volatilidade da informação e uma certa superficialidade da opinião, com estes tempos em que nada é líquido, nada é sólido, parece tudo vapor?

— Também sou jornalista e custa-me ver o fim de uma profissão digna. Trato de usar as tecnologias a propósito de assuntos com os quais me identifico.

— Sente-se, realmente, o «Escritor do fim do Mundo», como lhe chamou a cineasta Sylvie Deleule no documentário que lhe dedicou em 2011?

— Sim, sou um homem e um escritor do fim do mundo. Volto muitas vezes à região austral, que não é nem Chile nem Argentina, que é Patagónia. Lá, os habitantes têm outra maneira de ser e de pensar. Sou de lá. Não tem a ver com a ideia de pátria ou outra superficialidade assim. Sou dali porque sou dessa cultura do esforço, da vida dura, mas solidária.

— Recordo que no seu livro *Diário de um killer sentimental*, o protagonista começa com uma viagem de táxi para um hotel em Madrid e com a vontade quase incontrolável de matar, logo ali, o taxista que o aborrece de morte com uma conversa sobre o Europeu de futebol. Foi uma história pessoal? Alguém o aborrece de morte com uma conversa sobre futebol?

— Aborrece-me e dão-me asco as opiniões de fanáticos. Aborrece-me a alienação a que leva o futebol. Aborrece-me o imbecil que, com um euro no bolso, se enche de 'patriotismo e orgulho patriótico' quando um futebolista da sua nacionalidade que ganha milhões marca um golo jogando por um clube de um país que ele jamais conheceria.